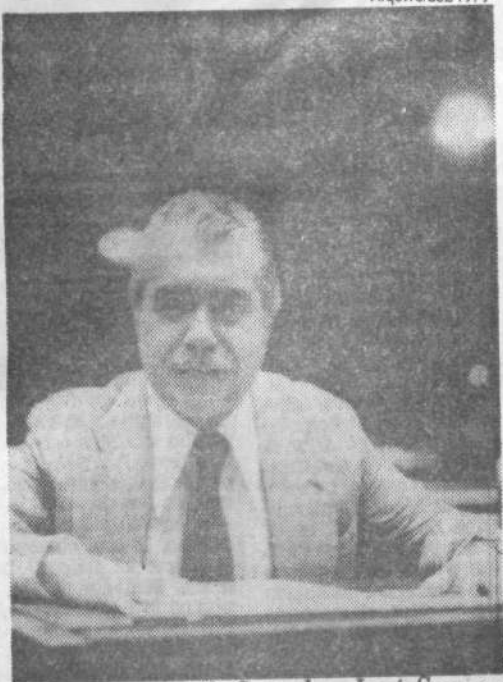


* 9 JUL 1980

Arquivo/dez/1979



O Senador José Sarney

O Senador, o Papa e o processo de abertura

Araújo Netto
Correspondente em Roma

Triste, porque desta vez o Piauí do Embaixador Espedito Resende foi mais bem aquinhoado do que o seu Maranhão — “segunda diocese do Brasil, com 300 anos de história e nobres tradições, que não mereceu uma escala técnica em S. Luís” — o Senador José Sarney, como presidente do Partido governista, em nosso encontro de fim de noite no Hotel Glória, sentia-se eufórico e gratificado pelas perspectivas que se abrem para o Brasil do pós-João Paulo II.

“Nunca a visita de um Papa foi tão oportuna e de conseqüências tão profícuas para um país como o nosso. Todos serão beneficiados, todos estaremos melhores quando o Papa estiver embarcando de volta a Roma” — o Senador Sarney diz-se convicto e desenvolve sua tese.

Para ele, os primeiros e maiores beneficiários do que o Papa fez e disse no Brasil serão a Igreja e o processo de abertura à democracia desencadeado pelo Governo João Figueiredo. A Igreja, porque a presença mística e majestosa do Papa serviu fundamentalmente para reconciliá-la com as grandes massas populares. E não só esta ou aquela Igreja, a de Dom Paulo Evaristo Arns e Dom Hélder, ou a de Dom Vicente Scherer. Toda ela.

Não tanto pelas mensagens de compreensão e estímulo que a cada delas, que por muito tempo foram vistas e consideradas diferenciadas e antagônicas, mas pelo que o grande espetáculo da maratona e das impressionantes assembléias populares reunidas e presididas por João Paulo II em todas as Capitais brasileiras significou e promoveu.

Hoje, amanhã, nos próximos tempos — o Senador e presidente do Partido governista prevê — o povo não recordará ou discutirá esta ou aquelas frases da oratória oceânica e martelante de João Paulo II. Essas coisas, na opinião do Senador Sarney, serão importantes para animar as estéreis tertúlias de uma certa intelectualidade. Para o povo, ao contrário, o notável e decisivo foi a redescoberta da Igreja mais simples, mais mística. De uma Igreja que também reconquistou sua unidade. Deixou de confundir-se com idéias e posições políticas deste ou daquele Monsenhor ou Cardeal. Que não mais assustará nem afastará o povo da sua fé mais antiga e mais simples.

Mesmo para as relações Igreja-Estado, tudo deve ser diferente, e para melhor — o Senador Sarney acredita. O grande esclarecimento da função da Igreja, promovido pelo Papa, facilitará um diálogo baseado na mútua e maior compreensão a propósito dos direitos e do papel de cada um.

— E para a abertura? Em que medida a presença do Papa contribuiu para alguma coisa?

O Senador Sarney, presidente do PDS, neste momento também é muito afirmativo e seguro de suas convicções: está certo de que foi o melhor que podia acontecer. Não só porque trouxe o povo às praças, e fez ver o que e como ele é. Um povo menos subdesenvolvido do que muitos supunham e apregoavam. Com capacidade de reunir-se, de conviver, de respeitar-se, de até autodisciplinar-se democraticamente. E, sobretudo, um povo que não exibiu o estado de miserabilidade, de indigência que tantos diziam ser visível a olhos nus.

— Mas antes do Papa essa abertura parecia ameaçada?

O Senador Sarney conclui sempre categórico e sincero: “Estava. E não só pela crise econômica. Mas por muitos outros fatores. O importante é que hoje pode-se considerá-la reforçada, se não consolidada.”



Araújo Netto